

SALÃO DE  
INICIAÇÃO CIENTÍFICA  
**XXIX SIC**  
UFRGS  
PROPESQ



múltipla   
**UNIVERSIDADE**  
inovadora  inspiradora

<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2017: SIC - XXIX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2017
<b>Local</b>	Campus do Vale
<b>Título</b>	A diáspora africana em Um defeito de cor, de Ana Maria Gonçalves: Kehinde e os múltiplos deslocamentos
<b>Autor</b>	SUELEN OLIVEIRA DORNELES
<b>Orientador</b>	GINIA MARIA DE OLIVEIRA GOMES

A diáspora africana em *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves:

Kehinde e os múltiplos deslocamentos

Suelen Oliveira Dorneles (UFRGS)

Gínia Maria Gomes (UFRGS)

Este trabalho está vinculado ao projeto de pesquisa “O romance brasileiro do século XXI: trânsitos, migrações e exílio”, o qual tem por objetivo analisar a trajetória de personagens que vivenciam a condição de não pertencentes ao lugar para onde eles se deslocam. A proposta deste estudo é realizar uma análise do romance *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves, sob a perspectiva da diáspora africana. A protagonista da narrativa é Kehinde, uma mulher nascida no Reino de Abomé e vítima da violência de deslocamentos forçados. No decorrer de sua infância, depara-se com a inviabilidade de permanecer em territórios, onde as mulheres de sua família decidem viver e, por conseguinte, passa por vários processos diaspóricos. O caráter coletivo destes trânsitos é devido ao fato de que são realizados por seu povo, que migra em virtude de problemas étnicos. Dentre os deslocamentos, destaca-se aquele que a leva para a colônia portuguesa. A protagonista passa a maior parte de sua vida nesta terra estrangeira, onde é escravizada e se estabelece conforme as condições permitidas. Já adulta, a personagem depara-se com a vontade de regressar a Uidá, sua terra de origem, em virtude do sentimento evocado pela memória de sua trajetória neste lugar. Visa-se refletir sobre negociação de identidade que ela vivencia ao retornar para seu território. Parte-se da hipótese de que preservar sua ancestralidade não é o suficiente para que a cultura da colônia portuguesa não interfira em sua identidade. Pretende-se mostrar que, ao estabelecer uma vida semelhante ao modo dos colonizadores em Uidá, Kehinde transforma-se em outro diante do seu próprio povo. Os resultados parciais indicam que a protagonista não apresenta dúvidas sobre sua identidade ao chegar na colônia portuguesa, tampouco as interferências deste lugar a tornam uma cidadã local, nem lhe permitem sentir-se natural de sua terra natal quando ela retorna. Servirão de aporte teórico os estudos sobre diáspora e sobre identidade de Stuart Hall.

Palavras-chave: identidade; diáspora; Ana Maria Gonçalves.